

REcriação DE UMA OBRA LITERÁRIA: *DOIS IRMÃOS* EM HQ

Simone Paula Marques Tinti¹

RESUMO: De acordo com Linda Hutcheon (2013), adaptar é recriar ou reinterpretar uma obra. Com base nesse conceito, o presente artigo analisa a adaptação de *Dois irmãos* (2000), de Milton Hatoum, para o romance gráfico homônimo (2015) de Fábio Moon e Gabriel Bá.

Palavras-chave: Adaptação; História em quadrinhos; *Dois irmãos*

ABSTRACT: According to Linda Hutcheon (2013), adapting is to recreate or reinterpret a work. Based on this concept, this article analyzes the adaptation of Milton Hatoum's novel *Two brothers* (2000) to the same-titled graphic novel (2015) by Fábio Moon and Gabriel Bá.

Key-words: Adaptation; Graphic novel; *Two brothers*

Introdução

Ao tomar a definição de dicionário para o termo “adaptar”, encontra-se o seguinte significado no Aurélio (2010, p.16): modificar texto de obra literária, adequando-o a certo público ou transformando-o em peça teatral, script etc. Textos literários são constantemente tomados como ponto de partida para outras linguagens, como os cinemas e os quadrinhos. É como se as adaptações confirmassem a fala de Walter Benjamin, de que ‘contar histórias é sempre a arte de repetir histórias’, retomada por Linda Hutcheon (2013, p. 22). A autora, que se dedicou a refletir sobre uma teoria da adaptação, comenta que nós, pós-modernos, herdamos esse hábito dos vitorianos, que adaptavam quase tudo e para quase todas as direções possíveis: poemas, romances, peças de teatro, óperas, quadros. As histórias eram constantemente adaptadas de uma mídia para outra, e depois readaptadas, com a diferença de que, atualmente, há ainda mais opções de meios disponíveis (HUTCHEON, 2013, p.11).

Em um processo de adaptação, é como se sentíssemos constantemente a presença do texto original pairando sobre aqueles que estamos experienciando diretamente – principalmente quando se conhece a obra original. Quando dizemos que uma obra é adaptação, anunciamos abertamente sua relação declarada com outras, e é isso que Genette (2010) entende por um texto em “segundo grau”, o chamado hipertexto, criado e então

¹ Mestranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de São Paulo – Unifesp.

recebido em conexão com um texto anterior. A versão de *Dois irmãos* em HQ traz já na capa a inscrição “baseado na obra de Milton Hatoum”, indicando o texto fonte. Essa relação declarada, aliás, é o que diferencia a adaptação do plágio.

1. Adaptação como recriação ou reinterpretação

Segundo Hutcheon, o processo de adaptação pode envolver uma mudança de mídia, de gênero, de foco e contexto, como contar a mesma história de um ponto de vista diferente, em um processo de recriação ou reinterpretação (HUTCHEON, 2013, p.40). No caso dos quadrinhos, em geral, pode ser necessário reestruturar capítulos ou partes da narrativa, omitir, condensar ou acrescentar determinados trechos ou personagens, realizar modificações no tempo ou na linearidade. Ramazzina Ghirardi postula que, pela sequência de imagens fixas da HQ, da arquitetura dos quadros e das relações espaciais estabelecidas pelas imagens, os desenhos solicitam um processo de decodificação que se articula com o texto primeiro e desvelam a polissemia do literário.

Partilha-se, aqui, da perspectiva proposta por Boutin (2012), para quem a HQ é um multitema (conjugação de múltiplos modos: textual, visual, gestual, sonoro, etc.) que propõe uma multileitura (decodificação, compreensão, integração) (RAMAZZINA GHIRARDI, 2015, p.14).

Em geral, os quadrinistas de *Dois irmãos* foram fiéis à trama de Hatoum, mantendo elementos como o narrador em primeira pessoa e o suspense de sua identificação. No entanto, como será exemplificado mais adiante neste artigo, quando a mídia derivada é uma HQ, não se trata apenas de desenhar personagens, cenários e incluir os diálogos em balões. As adaptações literárias potencializam a capacidade de significação do verbal e não-verbal, “até porque relacionam as características artísticas básicas de cada uma dessas linguagens, transformadas em uma só no âmbito dos quadrinhos” (PINA, 2011, p.65). No romance, as primeiras manifestações do narrador e de sua relação com a família se dão logo no início, em trechos como: “Durante o dia eu a ouvia repetir as palavras do pesadelo (...) ‘Sei que um dia ele vai voltar para mim’, Zana me dizia sem olhar para mim (...) A mesma frase eu ouvi, como uma oração murmurada, no dia em que ela desapareceu na casa deserta (...) Eu não a vi

morrer, eu não quis vê-la morrer” (HATOUM, 2006, p. 9-10). Como aponta Virginio (2016, p.21), “na tarefa de contar histórias, o narrador revela-se o principal personagem de um romance, o grande regente da orquestra que chamamos de texto e discurso”.

O escritor Milton Hatoum, em evento na Flip, sinalizou uma questão bastante pertinente a esta discussão: as narrativas, em geral, são simples. É possível contar o enredo em apenas algumas linhas. O que as tornam instigantes não é necessariamente a história em si, mas as estratégias mobilizadas pelo narrador para contar essa história, ou seja, toda a arquitetura sintática e semântica que sustenta uma narrativa. Menos importa o que ele diz do que como ele vai executar essa tarefa. A genialidade de uma obra esconde-se nas entrelinhas, na tessitura do texto. (idem, p.18)

Em *Dois irmãos*, o narrador busca reorganizar fragmentos de sua infância e, para isso, reconstitui a história da família com a qual viveu durante seus primeiros anos de vida. No desenrolar da trama, as referências ao narrador continuam. Sabe-se que ele não é um dos irmãos, pois percebe-se que muito do que é narrado é por meio do que outros lhe contaram.

Ele teve que engolir o vexame. Esse e outros, de Yaqub e também do outro filho, Omar, o Caçula, o gêmeo que nascera poucos minutos depois. O que mais preocupava Halim era a separação dos gêmeos, “porque nunca se sabe como vão reagir depois” (HATOUM, 2006, p.12).

O leitor se mantém intrigado em desvendar quem conta a história e qual sua relação com a família. A narrativa de *Dois irmãos* começa por volta de 1920 e vai até cerca dos anos 1970. O narrador conta a trama dos gêmeos 30 anos depois em uma trajetória não linear, seguindo o fluxo de suas lembranças. Virginio, com base em GREIMAS e COURTÉS (1989, p. 33) lembra que, para a Semiótica, os acontecimentos narrados são conduzidos de acordo com a perspectiva do enunciador (em *Dois irmãos*, esse é Nael, o narrador em primeira pessoa). Ele é quem organizará sintagmaticamente os programas narrativos e destacará aqueles que melhor se adequarem ao objetivo final. Nesse vaivém, Nael parece dominar seu discurso, mesmo que os acontecimentos não sigam exatamente uma ordem cronológica.

Isso é marcado na narrativa pela tentativa de o narrador seguir uma lógica discursiva, regida pelo percurso de desestruturação da família. O largo espaçamento temporal entre o narrado e o momento da narração, entre a anterioridade e a posterioridade, é um fator que, segundo o narrador, contribui para essa ‘linearidade’ da narrativa. (VIRGINIO, 2016, p.34).

Luiz Tatit, em um artigo em que analisa o conto “Nenhum, nenhuma” de Guimarães Rosa, lembra que, muitas vezes, são as gradações de extensidade e intensidade que mantêm vivo o interesse de um texto (TATIT, 2009, p.405). Em relação à tensividade, Virginio (2016) retoma ZYLBERBERG (2011, p. 66-67) e explica o conceito como um lugar imaginário onde se dá a articulação do eixo semântico em intensidade (da ordem do sensível, referente aos estados da alma), e extensidade (da ordem do inteligível, referente aos estados das coisas), termos que possibilitam a análise de toda e qualquer grandeza linguística. O discurso memorialístico é formado por fragmentos que marcaram a vida do narrador, ou seja, foram submetidos à paixão do sujeito ao longo do percurso. No entanto, ao organizar esses fragmentos, a narração se torna inteligível. Ao longo do tempo, Nael se mostra ressentido – tanto que, ao final, corta relações com a família. Ele espera por um perdão de Omar, se distancia de Yaqub e também de Rânia.

Queria que ele confessasse a desonra, a humilhação. Uma palavra bastava. O perdão. Omar titubeou. Olhou para mim, emudecido. Assim ficou por um tempo, o olhar cortando a chuva e a janela, para além de qualquer ângulo ou ponto fixo. Era um olhar à deriva. Depois recuou lentamente, deu as costas e foi embora. (HATOUM, 2006, p.198).

2.A adaptação de *Dois irmãos* para a HQ

Enquanto na literatura podemos parar a leitura a qualquer momento, reler e pular passagens, nos filmes e no teatro somos capturados por uma história que sempre segue adiante. Contar uma história em palavras, seja oralmente ou no papel, nunca é o mesmo que mostrá-la visual ou auditivamente em quaisquer das várias mídias performativas disponíveis (HUTCHEON, 2013, p. 49). Moon e Bá, valendo-se da narrativa verbo-visual dos quadrinhos, descrevem Manaus por desenhos, apresentando a cidade por meio de seus traços em preto-e-branco, muitas vezes em páginas sem palavras, apenas com imagens. Um exemplo está no prólogo da HQ, sem falas, mostrando imagens icônicas de Manaus para em seguida chegar à casa da família, onde se passa grande parte da história. Foi uma forma de adaptar o texto de Hatoum – que se vale de muitas descrições pormenorizadas de Manaus no romance – para a linguagem dos quadrinhos. Esse recurso, válido nas HQs, é uma forma de recriar a obra original, transformando-a em um novo produto, como aponta Genette:

Digamos somente que a arte de “fazer o novo com o velho” tem a vantagem de produzir objetos mais complexos e mais saborosos (...): uma função nova se superpõe e se mistura com uma estrutura antiga, e a dissonância entre esses dois elementos presentes dá sabor ao conjunto. (GENETTE, 2010, p.140).

Vale retomar, nesse ponto, a questão da individualidade do autor, assim como as múltiplas oportunidades que podem surgir no momento de recriação de uma obra. Robert Stam destaca que o texto do romance é suscetível a múltiplas e legítimas interpretações:

Os textos não se conhecem a si mesmos e, portanto, buscam o que não está dito (o *non dit*). As adaptações, nesse sentido, podem ser vistas como preenchendo essa lacuna do romance que serve como fonte (...) (STAM, 2006, p.25).

Um exemplo desse “não dito”, em *Dois irmãos*, são as cenas em que Nael conversa com Halim, o pai dos gêmeos. Para ilustrar esses momentos, Fábio Moon contou, em um evento com leitores em São Paulo, que a decisão foi colocá-los em cenários como a cidade flutuante ou a loja da família². No romance, essa descrição do local não é necessária, pois a narração se dá em primeira pessoa. Cada ato de linguagem, como já foi destacado nesse artigo, implica normas particulares: na HQ, em geral, os autores podem se valer de elementos como a narração quadro a quadro, a predominância das imagens, uso de onomatopeias, entre outros. Will Eisner (2001, p.8) explica que a configuração geral da revista de quadrinhos apresenta uma sobreposição de palavra e imagem, em que as regências da arte (por exemplo, perspectiva, simetria, pincelada) e as regências da literatura (por exemplo, gramática, enredo, sintaxe) superpõem-se mutuamente.

Apesar de parecer óbvio, deve-se ponderar que a transposição realizada pelas adaptações pode tanto se aproximar quanto se afastar da obra que serve como fonte. Devemos lembrar que a transposição realizada pelas adaptações, de um texto para um novo público ou para uma nova mídia, promoverá tanto a aproximação quanto o afastamento do texto antecedente. Stam destaca que, enquanto “leitura” da fonte do romance, a adaptação sugere que, assim como qualquer texto pode gerar uma infinidade de leituras, qualquer romance pode

² Bate-papo na livraria Saraiva do shopping Eldorado em 10 de janeiro de 2017, por ocasião da estreia da minissérie *Dois irmãos* na TV Globo. O encontro “*Dois irmãos*, de Milton Hatoum – a obra e suas adaptações” reuniu o autor, a roteirista Maria Camargo e os quadrinistas Fábio Moon e Gabriel Bá.

gerar um número infinito de adaptações, “que serão inevitavelmente parciais, pessoais, conjunturais, com interesses específicos” (2006, p. 27).

Ao transportar o romance para os quadrinhos, pode ser necessário reestruturar capítulos ou partes da narrativa, omitir, condensar ou acrescentar determinados trechos ou personagens, realizar modificações no tempo ou na linearidade da narrativa. Antes de serem autores da adaptação, os quadrinistas foram leitores da obra de Hatoum e, portanto, apreenderam a história à sua maneira. Gaudreault e Marion (2012) emprestam dos formalistas russos os termos *fabula* e *shyuzet* ao abordarem a transescritura midiática. A *fabula* seria entendida como o conjunto de eventos relacionados que é comunicado em determinada obra, independente em relação à mídia; já a *syuzhet* seria a maneira com que o leitor apreende a história, o texto encarnado em uma mídia específica (p.113-115). A HQ *Dois irmãos* preserva a *fabula* de Hatoum – os personagens, o espaço onde se passa a narrativa e a época retratada são os mesmos.

Mas o processo de adaptar uma HQ não é apenas uma transposição do texto para os quadrinhos, ou seja, é necessária uma nova *syuzhet*. Ramazzina Ghirardi comenta que “o movimento de transformação de mídias e linguagens demanda do leitor saberes e hábitos diversos daqueles que o faziam proficiente na dinâmica anterior” (2016, p. 303). Alguns diálogos também foram mantidos quase que integralmente iguais ao texto fonte, assim como a expectativa pela identificação do narrador: no romance, o leitor descobre quem é que conta a história apenas no início do quarto capítulo, enquanto na HQ essa apresentação se dá no terceiro. Como comentaram os quadrinistas Fábio Moon e Gabriel Bá durante um encontro com leitores em São Paulo, as escolhas na HQ têm motivação visual e, naquele ponto da história (o terceiro capítulo), Nael já participava da vida na casa; portanto, era necessário adiantar um pouco a apresentação do narrador ao leitor da HQ.

Eu não sabia nada de mim, como vim ao mundo, de onde tinha vindo. A origem: as origens. Meu passado, de alguma forma palpitando na vida dos meus antepassados, nada disso eu sabia. Minha infância, sem nenhum sinal da origem. (...) Anos depois, desconfiei: um dos gêmeos era meu pai. (HATOUM, 2006, p.54)

O narrador é o contador de histórias. Como lembra Cagnin (2014, p. 157), em uma história contada por imagens, como uma HQ, o narrador aparece raramente, já se trata de uma representação de um fato. No entanto, os quadrinistas preservaram o narrador em primeira pessoa na versão de *Dois irmãos*, apresentando sua voz por meio de legendas e, ocasionalmente, balões.

Na HQ, o momento de identificação do narrador, como já foi destacado nesse artigo, se dá no terceiro capítulo (*Figura 1*). No primeiro quadro, há apenas a figura de um curumim (identificado pelos traços, como o corte de cabelo); já o segundo quadro mostra a cena mais aberta e se vê que ele está na cozinha, próximo a Domingas. Ele então se aproxima da sala de jantar, onde a família está reunida, com Zana (a mãe dos gêmeos) lendo em voz alta uma carta de Yaqub; em seguida, o garoto observa as fotos do gêmeo que vive em São Paulo. Só então, no último quadro, aparece a legenda com a narração: “Cresci vendo fotos do Yaqub e ouvindo a mãe dele ler suas cartas” (*Figura 2*).

Duas páginas adiante (*Figura 3*), ainda caracterizado como o observador da cena, ou seja, sem interferir ou participar ativamente dela, vem o narrador. “Eu não sabia nada de mim, de como vim ao mundo, de onde tinha vindo. A origem, as origens”. E então, ele interpela a mãe: “Anos depois, desconfiei: um dos gêmeos é meu pai?”. Nessa última fala, que é seguida por um quadrinho em close-up de Domingas, ele está só com a mãe, não mais observando a cena. Eisner afirma que a função primordial da perspectiva, nos quadrinhos, deve ser a de manipular a orientação do leitor para um propósito que esteja de acordo com o plano narrativo do autor. Outro uso da perspectiva é a manipulação ou a produção de estados emocionais variados. (1999, p. 89). No exemplo seguinte da HQ, o close-up no rosto de Domingas é uma maneira de indicar sua hesitação na resposta ou até mesmo sua surpresa com a pergunta do filho.

Já na página a seguir (*Figura 4*), o autor apresenta um novo tema através de uma sequência de quadrinhos evocando a lembrança da infância de Yaqub no momento em que ele está no carro dos pais, ao voltar do aeroporto de Manaus para casa, na chegada do Líbano. A página é um exemplo de um recurso para apresentar o vaivém da história, mais especificamente, uma cena de flashback (mudança de tempo ou deslocamento cronológico).

A habilidade de expressar tempo é decisiva para o sucesso de uma narrativa visual. É essa dimensão da compreensão humana que nos torna capazes de reconhecer e de compartilhar emocionalmente a surpresa, o humor, o terror e todo o âmbito da experiência humana. (EISNER, 1999, p.25-26)

Eisner (p. 44) explica que, nos quadrinhos, o flashback pode ser indicado por meio de alteração do traçado do requadro, geralmente sinuoso ou ondulado. No entanto, não há uma convenção universal a respeito da expressão do tempo pelo requadro (idem).

Na cena escolhida, não há um requadro diferente para a cena de flashback, mas há uma interferência do próprio desenho, como se o leitor acompanhasse o ritmo das lembranças da personagem: na cena em que os meninos gêmeos sobem na árvore, o jipe que leva Yaqub adulto está no mesmo quadrinho, como se fizesse parte da mesma cena. Essa técnica, empregada pelo quadrinista, tem como efeito misturar as duas imagens que acontecem em épocas diferentes e levar o leitor a acreditar que Yaqub está tão envolvido por suas lembranças que prova uma grande reminiscência ao ver o local da infância. Provando sensações deixadas no passado e reavivadas no momento do contato com um elemento desencadeador, aqui, o rio e a árvore que faziam parte de suas brincadeiras de infância com o irmão, Yaqub pode ver e viver o passado como se fosse presente.³ Além disso, também pode-se perceber, na mesma sequência, quadrinhos maiores e outros menores, close-ups e panorâmicas, indicando as cenas em que o leitor pode se demorar mais ou menos, percebendo mais detidamente as emoções dos personagens (o que é indicado pelo rosto de Yaqub em close-up).

3.Considerações finais

O conceito de adaptação é frequentemente associado a termos como transformar, imitar e até plagiar. Uma obra adaptada também costuma ser vista como algo menor do que o texto fonte, principalmente quando este se trata de literatura. Além disso, quando se fala em adaptações, parte-se do princípio de que é preciso ler primeiro o texto fonte. Linda Hutcheon subverte essa lógica, desafiando a noção de prioridade, de maneira a “desierarquizar” essa

³ Podemos dizer que a força visual da paisagem para Yaqub funciona como o processo de reminiscência evocado por Proust com a *Madeleine* no romance *Em busca do tempo perdido*. (PROUST, Marcel. *Du côté de chez Swann*. Paris: Gallimard, 1988).

relação. Como ela comenta, as diversas versões de uma obra existem lateralmente, não de modo vertical (2013, p.14), o que dá ao leitor/espectador liberdade para percorrer o caminho da maneira que achar melhor.

Como aponta Genette (2010), esse processo de “fazer o novo com o velho” pode produzir objetos ainda mais complexos e saborosos. No caso de uma arte que une texto e imagem, como os quadrinhos, as imagens potencializam a capacidade de significação da obra fonte, sem ser uma mera cópia. Como lembra Pina (2011, p.65), enquanto arte a linguagem quadrinística agrega aspectos e valores à linguagem literária. “Então, conceber os quadrinhos como arte autônoma – e a literatura em quadrinhos como um gênero dessa arte – é o primeiro passo para discutir seu potencial de formação de gosto, de criação simbólica e de um leitor diferenciado” (PINA, 2011, p. 65). Portanto, mais do que uma obra derivada, uma adaptação para a linguagem HQ pode ser considerada um novo produto, com características que podem inclusive aportar novas significações, novos jeitos de ver uma obra – seja ela previamente conhecida ou não pelo leitor. E a transposição de *Dois irmãos* para HQ, com sua diversidade de recursos, acaba sendo um exemplo desse novo recriado.

Referências

- CAGNIN, Antonio Luiz. *Os quadrinhos: um estudo abrangente da arte sequencial: linguagem e semiótica*. 1ª ed. São Paulo: ed. Criativo, 2014. 287 p.
- EISNER, Will. Tradução de Luís Carlos Borges. *Quadrinhos e Arte sequencial*. 3ª ed. - São Paulo: Martins Fontes, 1999. 154 p.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Míni Aurélio: o dicionário da língua portuguesa*; coordenação de edição Marina Baird Ferreira. 8ª ed. Curitiba: Positivo, 2010. 856 p.
- GAUDREULT, André. e MARION, Philippe. Transescritura e midiática narrativa – Questões de intermedialidade. 15-45 p. In DINIZ, Thays. F. N. *Intermedialidade e estudos interartes – Desafios da arte contemporânea*, Belo Horizonte, Editora UFMG, 2012. 152 p.
- GENETTE, Gérard. *Palimpsestos, a literatura de segunda mão*. Belo Horizonte, Edições Viva Voz, 2010. 166 p.
- RAMAZZINA GHIRARDI, Ana Luiza. *O insólito recriado: “Le Horla” de Maupassant em linguagem HQ*. Rev. Let., São Paulo, v.55, n.2, p.13-28, jul./dez. 2015.

- HATOUM, Milton. *Dois irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. 198 p.
- HUTCHEON, Linda; tradução André Cechinel. *Uma teoria da adaptação*. 2^a ed. - Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013. 278 p.
- MOON, Fábio e BÁ, Gabriel. Baseado na obra de Milton Hatoum. *Dois irmãos*. São Paulo: Quadrinhos na Cia, 2015. 232 p.
- PINA, Patrícia da Costa. HQ é arte. 65-76 p. In: *Literatura em quadrinhos: arte e leitura hoje*. Curitiba, Editora Apris, 2011. 157 p.
- RAJEWSKY, Irina O. Intermidialidade, intertextualidade e “remediação”: uma perspectiva literária sobre a intermidialidade. 15-45 p. In DINIZ, Thais. F. N. *Intermidialidade e estudos interartes – Desafios da arte contemporânea*, Belo Horizonte, Editora UFMG, 2012. 152 p.
- STAM, Robert. Teoria e prática da adaptação – da fidelidade à intertextualidade. *Ilha do Desterro*, Florianópolis, nº 51, pg. 19-53, jul./dez. 2006.
- TATIT, Luiz. *A extinção que não se acaba - “Nenhum, nenhuma”*. Alfa, São Paulo, 53 (2), 405-427, 2009.
- VIRGINIO, Cinthia Paes. *Percursos da memória – um estudo semiótico de “Dois irmãos” e “Leite derramado”*. 2016. 100 p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense – UFF, 2016.

Anexos

Figura 1 – capítulo 3 da HQ *Dois irmãos*, Fábio Moon e Gabriel Bá, 2015.



Figura 2 – capítulo 3 da HQ *Dois irmãos*, Fábio Moon e Gabriel Bá, 2015.



Figura 3 – capítulo 3 da HQ *Dois irmãos*, de Fábio Moon e Gabriel Bá, 2015.



Figura 4 – capítulo 1 da HQ *Dois irmãos*, de Fábio Moon e Gabriel Bá, 2015.

